

DEVOÇÃO NO CÍRIO FLUVIAL DE ORIXIMINÁ: “BRINCADEIRAS”, “APERREIOS” E REZAS PARA SANTO ANTÔNIO

*DEVOTION IN THE ORIXIMINÁ FLUVIAL “CÍRIO” PROCESSION:
“GAMES”, “APERREIOS”, AND PLAYERS FOR SANTO ANTÔNIO*

Marla Elizabeth Almeida Reis

marla-reis@hotmail.com

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9785-2909>

Dyedre Alves Pedrosa

dyedre@hotmail.com

Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4224-4922>

Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

marciacalderipe@yahoo.com.br

Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8826-8607>

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo etnografar eventos de devoção que ocorrem no círio fluvial de Oriximiná/PA, região Norte do Brasil, em especial a prática de “aperrear” o santo. Na ânsia de alcançar a benção desejada, usam-se diversos métodos de constrangimento do santo, como, por exemplo, esconder o menino Jesus do colo do santo, virá-lo para a parede ou pendurá-lo de cabeça para baixo, guardá-lo no congelador ou escondê-lo em um local escuro. Esses “aperreios” duram até o santo realizar o pedido. Para tanto, foi realizado trabalho de campo em 2017 com observação participante, coleta de dados com entrevistas abertas e conversas informais com trinta e dois interlocutores, registro fotográfico, material histórico de acervos pessoais e levantamento de dados bibliográficos pertinentes ao tema. O círio inicia-se no primeiro domingo e encerra-se no terceiro domingo de agosto. Trata-se de um emaranhado de eventos interligados que movem a cidade de Oriximiná e as comunidades do entorno para ritos de devoção, como colocar as barquinhas na água, o círio fluvial, a peregrinação, rezas, promessas e trabalhos para o santo. Nesse contexto, a ação das devotas que buscam o auxílio do santo para contrair um casamento revelou-se notável, com práticas de devoção particulares como o “aperreio”, as rezas e as simpatias.

Palavras-chave: Santo Antônio; devoção; antropologia.

ABSTRACT

This work aims to ethnograph devotion events that take place in the river circle of Oriximiná/PA, northern Brazil, especially the practice of “aperrear” (hastening) the saint. Eager to achieve the desired blessing, various methods of constraint of the saint are used, such as, for example, hiding the baby Jesus from the saint’s lap, turn the saint to the wall or hang it upside down, keep it in the freezer or hide it in a dark place. These “aperreios” (tricks) last until the saint attends the request. To this aim, fieldwork was carried out in 2017 with participant observation, data collection with open interviews, and informal conversations with thirty-two interlocutors, photographic record, historical material from personal collections, and survey of bibliographic data relevant to the theme. The candle begins on the first Sunday and ends on the third Sunday of August, and is a tangle of interconnected events that move the city of Oriximiná and the surrounding communities to devotion rites, such as placing boats in the water, the fluvial procession, the pilgrimage, prayers, promises, and works for the saint. In this context, the action of the devotees who seek the saint’s assistance in contracting a marriage proved to be remarkable with particular practices of devotion such as the “aperreio”, prayers, and sortileges.

Keywords: Santo Antônio; devotion; anthropology.

INTRODUÇÃO

Em meados 2017, iniciamos uma pesquisa de cunho etnográfico na cidade de Oriximiná¹, oeste do estado do Pará, região Norte do Brasil, à margem esquerda do rio Trombetas, um dos afluentes do rio Amazonas. O objetivo era etnografar as práticas de devoção popular que ocorrem no período festivo, especialmente aquelas realizadas pelas mulheres devotas de Santo Antônio, que buscam a ajuda do santo para “conseguir um marido” ou “serem abençoadas na área dos relacionamentos”.

Nos trabalhos clássicos da antropologia social, a ideia de “devoção” foi inicialmente inspirada por meio dos discursos metodológicos da sociologia durkheimiana com base em recortes recorrentes nas teorias da psicanálise, em que os fenômenos sociais seriam facilmente correlacionados a “naturezas mentais”. Essas análises foram conceitualizadas de maneira gradual ao falar sobre rituais de sacrifícios nas “sociedades ditas primitivas”. Com um salto importante na disciplina, os sentidos das devoções foram estudados pelos etnógrafos em diversos aspectos: patrimônio, indenitários, fenomenológicos, estéticos, performáticos dentre outros.

De acordo com Menezes (2011), o estudo dos santos pressupõe uma análise da comunidade e dos devotos, do local onde o santo é cultuado, como os grupos se articulam em torno da devoção, as relações de sociabilidade entre santo e devoto, e na relação entre os devotos, as festas, promessas, rituais, transmissão de crenças e conhecimentos necessários à execução de ritos e celebrações.

A palavra “círio” tem sua origem etimológica no latim *-cereus*, que seria traduzido como vela ou tocha. É bastante comum o nome ser associado às festas de santos na região amazônica, em diferentes épocas ao longo do ano. A exemplo disso, pode ser citado o Círio da Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre no mês de outubro na capital do Estado do Pará, Belém. A festividade possui caráter internacional e leva às ruas milhões de pessoas, conferindo-lhe o status de maior celebração religiosa do Brasil.

Com relação ao processo investigativo, foi realizado o método de pesquisa qualitativo, com trabalho de campo² na cidade de Oriximiná, durante o evento do Círio Fluvial de Santo Antônio de 2017. Para a coleta de dados, foram utilizados a observação participante, entrevistas abertas, conversas informais, registro fotográfico, material histórico de acervos pessoais e levantamento de dados bibliográficos pertinentes ao tema. As perguntas realizadas giravam em torno do envolvimento com o festejo, a relação com o santo, práticas devocionais cotidianas, modos de fazer e vivenciar o círio, dentre outras.

É corriqueiro na antropologia a leitura de *eventos* que podem ser situações sociais específicas, como no clássico texto sobre a inauguração de uma ponte na Zululândia, escrito por Max Gluckman, ou a análise simbólica de uma briga de galos balinesa, como a realizada por Clifford Geertz³.

De acordo com Gluckman (1940, p. 236), “situações sociais cotidianas são a matéria prima do antropólogo, pois a observação e a análise de eventos permitem a compreensão das inter-relações no grupo estudado”. A partir dessa perspectiva, o autor realiza sucessivas descrições de eventos em um único dia.

Dito isso, deve-se estabelecer ao leitor que o artigo em questão apresenta uma descrição etnográfica dos eventos de devoção ocorridos no dia 06 de agosto de 2017, no círio fluvial de Oriximiná/PA. Esse é considerado o momento principal do festejo por conta da iluminação do rio pelas barquinhas de Santo Antônio, recepção do padroeiro no cais do porto da cidade, queima de fogos, procissão até a igreja matriz, celebração de uma grande missa, bailes e alvorada. Nas práticas observadas, a ação das devotas que buscam o auxílio do santo para contrair um casamento revelou-se notável com práticas de devoção particulares, como “aperrear” o santo, além de simpatias e rezas.

DEVOÇÃO NO CÍRIO DE ORIXIMINÁ

Segundo relatos históricos documentados no museu do círio fluvial de Santo Antônio (aberto à visitação apenas no período do evento), o festejo possui mais de meio século e surgiu de uma tradição entre as comunidades ribeirinhas de homenagear o santo, levando-o em peque-

nas embarcações decoradas com fitas pelas águas do rio Trombetas até a Igreja Matriz de Oriximiná. Nos dias atuais, essa prática é conhecida como “Círio das Canoas”.

No primeiro círio fluvial, Santo Antônio foi transladado em uma canoa, “conduzida por oito bons remadores”, acompanhado por um barco a motor, poucas lanchas e algumas canoas, como é narrado por Da Cruz e Soares (2003) em um folheto encontrado no museu do círio e digitalizado por um dos interlocutores.

As primeiras festas do círio foram narradas pelos interlocutores como pequenas procissões que ocorriam do dia 01 ao dia 15 do mês de agosto. Durante esse período, a imagem de Santo Antônio visitava a casa de uma família e em seguida era conduzida para a igreja Matriz, onde ocorriam trezenas e ladainhas.

No ano de 1946, o círio se tornou fluvial. Com isso houve uma alteração na data da festividade, que passou a iniciar no primeiro domingo e encerrar no terceiro domingo de agosto. Além disso, foi incorporado ao festejo uma programação oficial.

Para os anciões do município, o círio das canoas representa um esforço feito com o intuito de agradar o santo, por isso o ato de remar para conduzir a imagem até a igreja simbolizava um sacrifício, esforço e devoção perante o santo. Ao contrário do círio atual, esse círio era diurno e terminava em um grande almoço coletivo.

De acordo com o padre da Igreja Matriz de Oriximiná, Arlison Lima da Silva, em 2017 foi a celebração de 100 anos do lançamento da pedra fundamental da igreja. Esta possuía dois altares laterais e um altar-mor, ambos ao estilo barroco e gótico, trabalhados em madeira. Com a mudança do concílio Vaticano II e a chegada de um corpo missionário franciscano na década de 1960, houve uma nova visão eclesiológica, o que proporcionou uma transformação na igreja e a extinção dos altares. Nas imagens a seguir é possível ver como era a arquitetura da igreja de santo Antônio na década de 1930.

Figura 01 – Igreja Matriz de Oriximiná, 1930



Fonte: Apolônio Fona in blog do Padre Sidney Canto⁴

Após a mudança dos altares, no início dos anos 1990, todo o piso do presbitério foi reformado. A última alteração significativa na igreja foi a substituição das janelas de madeira por vitrais. No presente, a igreja possui vinte vitrais, sendo que de um lado sete vitrais contam a trajetória de santo Antônio e do outro, sete vitrais narram os milagres do santo. Também existem vitrais dos evangelistas, de Jesus Misericordioso, da Santíssima Trindade e da Sagrada Família.

A arquitetura da igreja é antoniana e na véspera do círio toda a cidade ostenta símbolos de devoção, como bandeiras, cartazes, faixas, crucifixo e símbolos sagrados nas paredes das casas, camisetas com o tema do círio e diversos outros ornamentos. Vale ressaltar que os cidadãos⁵ locais estão constantemente conservando a sua história através de textos, diários, cartas, fotografias, panfletos e jornais antigos.

Silva (2018, p. 19), ao realizar uma etnografia das promessas e milagres nas danças de São Gonçalo, observou que a transmissão das devoções são “alimentadas, afirmadas e reelaboradas pelo trabalho da memória”. Nesse contexto, a memória “salva pelas redes sociais de trocas entre agentes e usuários é uma memória viva, enquanto as unidades locais de sua reprodução preservam ativas as condições do trabalho coletivo dos especialistas do sagrado”.

Figura 02 – Altar atual da igreja de Oriximiná e um dos Vitrais



Fonte: REIS, 2017.

O Círio Fluvial de Santo Antônio movimentava tanto Oriximiná quanto as cidades e comunidades do entorno. Para a realização do festejo, ocorre durante o ano uma espécie de ampla rede de articulações entre o meio urbano-rural, populações devotadas, famílias comerciantes, políticos e incentivos da prefeitura por meio da Secretaria de Cultura. Outra forma de obtenção de recurso para o evento é a peregrinação da

imagem nas comunidades, conforme pode ser visto na fala do padre Arlison Lima:

A paróquia de Oriximiná é bem grande. Composta por 10 pastorais, 117 comunidades e 7 grupos. Na época do círio essas pessoas se unem em uma grande força para garantir a realização do evento. No dia 13 de junho acontece um trabalho de peregrinação da imagem de santo Antônio nas comunidades, é dessa peregrinação que vêm alguns recursos usados no círio, como a farinha para farofa e pequenos animais, tudo isso é usado no período da festividade pela equipe da cozinha (Arlison Lima, entrevista realizada em agosto de 2017).

Além disso, existe a realização de bingos no centro comunitário católico, local conhecido como “cliper de Santo Antônio”. Tais bingos também são uma importante fonte de arrecadação de verba para o custeio dos gastos relacionados ao festejo.

Muito antes do mês do evento, a cidade inicia os preparativos para receber os dias do círio. É costume entre os locais afirmar que é o mês em que a cidade “se enfeita”, “se vê mais gente pelas ruas”, onde o comércio local recebe uma demanda e oportunidade para vendas, os feirantes recebem maior fluxo de clientela em busca de produtos regionais para preparos de almoços e jantares das famílias. Hotéis e pequenas pousadas do município recebem seu maior número de turistas. Muitos desses acompanham o círio há anos, mesmo morando em outros estados e até pessoas de outros países retornam para Oriximiná.

As ruas, além do maior movimento, também recebem um tratamento diferenciado dos demais períodos: pintura e bandeirinhas coloridas suspensas são avistadas de longe pelos que chegam nas navegações, plantam-se jardins próximos às praças locais a mando da prefeitura, barraquinhas são montadas no entorno da praça de nome homônimo ao homenageado no círio.

O Círio Fluvial de Santo Antônio é uma celebração popular que a cada ano se sofisticava e reúne mais fiéis, o que é visível nas fotos contidas em acervos pessoais, que mostram a expansão anual do evento. O festejo só ocorre devido ao grande número de voluntários e as ofertas arrecadadas. Todo o trabalho é realizado por voluntários e pagadores de promessas, as pessoas são divididas em equipes como limpeza, ornamentação, equipe da cozinha, dentre outras. Arlison menciona que apenas três pessoas recebem pelo serviço que prestam, mas antes até esses eram voluntários.

As programações oficiais do Círio Fluvial de Santo Antônio mudam anualmente em decorrência do tema do evento. Em 2017, a campanha do círio era “Com Santo Antônio guardar e defender a vida e a família”, título que norteou a programação, sermões e decoração da festividade.

Houve também um pré-círio com apresentações culturais em frente à igreja matriz e o baile dos visitantes, em que ocorre a recepção dos devotos recém-chegados do interior para a celebração. O baile dos visi-

tantes ocorre no centro comunitário católico, conhecido como “Cliper de Santo Antônio”, onde a equipe de voluntários da cozinha prepara um coquetel para recepcionar os devotos.

Em sua pesquisa de doutorado, realizada no convento de Santo Antônio, situado no Largo da Carioca, centro da cidade do Rio de Janeiro, Menezes (2004, p. 6) observa que “não é apenas em momentos de crise que uma pessoa se endereça aos santos”. Momentos de crise podem conduzir pessoas a buscar o auxílio dos santos para a resolução dos seus problemas, mas os devotos tendem a possuir uma relação de proximidade que perpassa os momentos de crise e se estende ao cotidiano do fiel.

Durante a pesquisa que originou este artigo, observamos diversas pessoas envolvidas em trabalhos no círio cuja motivação inicial não era alcançar um intento ou pagar uma promessa, mas prestigiar o santo, manifestar até mesmo orgulho pela festa ser celebrada por boa parte da população e gerar fluxos econômicos, sociais, criativos, no mês de agosto. Não foram poucos os comentários que ouvimos do tipo: “agosto é o melhor mês pra vender”, “agosto é o mês que os parentes mais chegam”. Alguns comparam o círio com o natal “fora de época”.

Algumas pessoas vindas de comunidades chegam a passar até vinte dias em Oriximiná na época do círio, atuando como voluntários. Isso pode ser visto na fala de João (2017): “A gente chegou aqui mais ou menos uma semana antes do círio, eu e a minha esposa, ao todo vamos passar 15 dias em Oriximiná trabalhando na cozinha”. Segundo o padre Arlison Lima (2017), também existem pessoas que passam um ou dois dias na cidade, “cada um ajuda como pode, é um trabalho voluntário que precisa ser feito com alegria”.

Os voluntários da equipe da cozinha relatam que são divididos em equipes separadas por turnos, em que há uma divisão de grupos de trabalho: “A gente faz um grupo e tem um pessoal que pega das 5 horas da manhã até às 18 horas da tarde. Eles deixam tudo preparado, e quando chega a noite vem outra turma” (Amanda, entrevista realizada em 5 de agosto de 2017).

Figura 03 – Equipe de voluntários da Cozinha



Fonte: REIS, 2017.

As programações oficiais do círio fluvial de santo Antônio iniciaram no dia 05 de agosto de 2017. O momento principal do festejo ocorreu no dia seguinte, com a iluminação do rio pelas barquinhas de santo Antônio, recepção do padroeiro no cais do porto da cidade, queima de fogos, procissão até a igreja matriz, celebração de uma grande missa, bailes e alvorada. Embora existam muitos outros eventos⁶ durante o círio, para fins de análise, esse artigo tem foco na descrição de devoções e sociabilidades que ocorreram nesse dia.

Consideramos como um grande empreendimento etnográfico descrever esse momento devido à sua magnitude, às suas simultaneidades e à importância de recorrer à quebra da linearidade da narrativa como forma de situar as falas.

Se um estrangeiro perguntasse o que é o círio fluvial de santo Antônio, certamente responderia que são pedaços de aninga, envoltos com papel de seda colorido e iluminado por uma vela flutuando em rio largo e escuro. Pequenas embarcações deixam as suas velas na água e junto com elas as suas preces: “Santinho olhai por nós”, ouvi a moça ao lado falar. Aos poucos o rio se ilumina e então uma grande balsa ornamentada conduz santo Antônio em seu andor até o porto da cidade, onde os seus devotos o aguardam.

Figura 04 – O soltar das barquinhas



Fonte: REIS, 2017

As velas feitas de aninga são chamadas pela população de Oriximiná de “barquinhas”, pela forma como ficam boiando na água. Em 1946, as barquinhas eram feitas de cuia⁷. Depois passaram a ser feitas em madeira de marupá⁸. Faziam-se duas tábuas com um prego de cinco polegadas, uma parte ficava na água e a outra parte sustentava a vela. Também existem relatos de barquinhas feitas com papelão, mas estas, conforme relatos, afundaram rapidamente. A fabricação das barquinhas em ma-

deira era difícil e de alto custo. Assim, houve a substituição da madeira pela aninga⁹, como nos contou um dos responsáveis pela confecção: “Quando eu cheguei aqui conversei com o pessoal. Eu era do interior e lá a gente brincava muito com a aninga, ela flutua muito bem. A gente tentou no ano seguinte e deu certo, desde então usamos a aninga” (Denis, entrevista realizada em 4 de agosto de 2017).

Todos os anos, na quinta-feira de véspera do círio, um grupo de homens desloca-se até o rio Cachoeri para coletar aninga. Segundo o interlocutor Denis, que desenvolve esse trabalho há dezesseis anos, na primeira expedição havia dez jovens voluntários e atualmente a equipe conta com trinta pessoas, o que garante que a coleta ocorra em um único dia.

Figura 05 – Antigas barquinhas de cuia e atuais barquinhas de aninga



Fonte: REIS, 2017.

Enquanto a equipe de Denis é encarregada de fornecer a aninga, os demais moradores da comunidade se unem para preparar o festejo. Em meados de junho, as escolas da cidade começam a confeccionar os balões feitos de papel seda que vão ornamentar as barquinhas. Todos os balões ficam guardados na paróquia para onde devotos também levam vários balões, muitas vezes seguindo os apelos dos locutores das rádios locais que fazem campanhas de arrecadação.

Uma semana antes do círio, Raimunda busca os balões e as aningas cortadas para confeccionar as barquinhas. Cerca de quarenta famílias a ajudam na confecção, dentre eles o esposo, filhos, netos, sobrinhos e amigos da família.

A princípio Raimunda iniciou seu trabalho voluntário no círio seguindo o convite de um amigo. Quando estava trabalhando na festa pelo terceiro ano seguido, sua mãe ficou gravemente doente e precisou fazer tratamento em Manaus/AM. Desesperada, recorreu ao santo:

Como estava perto do círio eu fiz a promessa para Santo Antônio de que enquanto a minha mãe fosse viva eu ia continuar fazendo as barquinhas. Depois disso ela viveu mais 14 anos. Ela morreu ano retrasado. Aí me chamaram e perguntaram se eu ia continuar fazendo as barquinhas, eu disse que sim. Já sou voluntária aqui há 18 anos (Raimunda, entrevista realizada 4 de agosto de 2017).

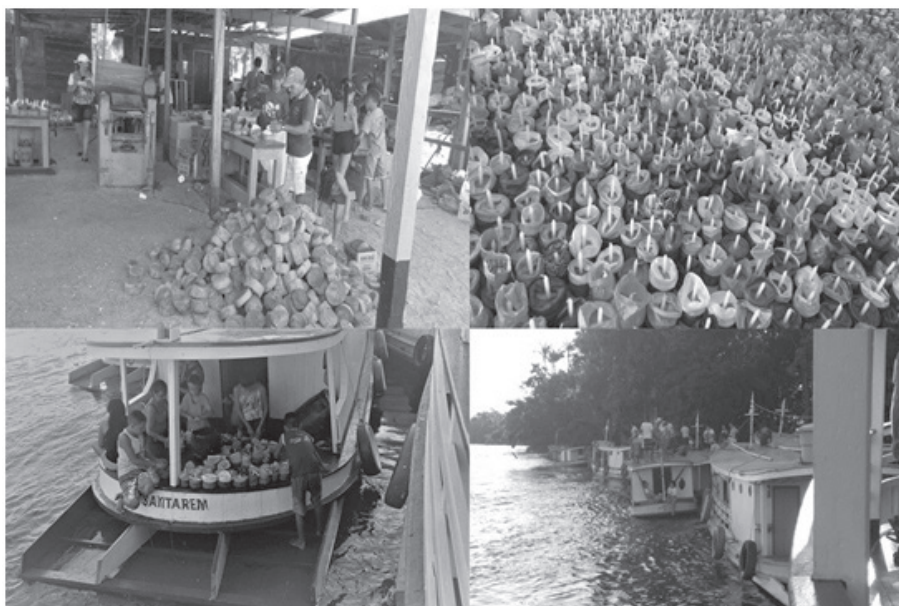
Compreendemos aqui algo muito semelhante à ideia de dádiva em Mauss (2003, p. 191), em que há uma espécie de contrato voluntário por meio de troca recíproca. Antes de tudo as trocas são “*amabilidades*, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, *festas*” (Raimunda, entrevista realizada 4 de agosto de 2017, grifos nossos).

Marcel Mauss, a partir da influência do sociólogo Durkheim, doutou-nos um dos primeiros conceitos acerca da “magia” como realidade social de estudo concreto. Para ele, a magia operaria uma ação coletiva “considerando como um sistema de intuições a priori, operadas por grupos de indivíduos, sob a pressão da necessidade” (MAUSS, 1974 p. 154).

Tal conceito do plano “mágico” nos rendeu o que hoje podemos compreender como fenômeno religioso, ao qual se atribui tudo aquilo que é ou se faz eficaz, sendo que os sujeitos emprestam às imagens suas expectativas. Isso implicaria em estágios de sentimentos atribuídos às trocas mediadas entre as coisas e as eficácias sociais a elas relacionadas. Mauss então estabelece uma ordem socialmente construída por circuitos comunicativos, permitindo ao fenômeno religioso ser inserido em planos simbólicos que mediam práticas entre os corpos, como vimos com a cura corporal pela mãe da devota voluntária, além de práticas de ações e sentimentos. Neste caso, sua devoluta na festa para com o santo.

Voltemos para os preparativos e suas práticas de devoção durante a trajetória do círio. É interessante destacar que uma vez que estão prontas, as barquinhas são colocadas nas embarcações com muito cuidado, sendo que boa parte dessas tarefas também pode ser realizada por crianças acompanhadas de seus pais. Durante a tarde, as embarcações carregadas de barquinhas, voluntários e promesseiros dispostos a deixar as velas no rio partem para uma pequena ilha na frente da cidade. Lá os barcos são amarrados uns nos outros e permanecem juntos até o horário do ritual.

Figura 06 – Corte da aninga, confecção das barquinhas, remanejamento para os barcos e agrupamento dos barcos



Fonte: REIS, 2017

Inicialmente, às 18h30, as embarcações são desamarradas e dispersam-se pela frente da cidade liberando as barquinhas na água. Na sequência, o santo é conduzido até a margem da cidade dentro de uma grande balsa ornamentada.

Leandro Lobato foi o produtor artístico da balsa do círio fluvial de Santo Antônio durante três anos. De acordo com ele, o tema da decoração da balsa é sempre o tema da campanha da fraternidade ou aquele instituído para o círio. Após a definição do tema, ele cria os primeiros rabiscos da arte e aos poucos estes ganham forma e se transformam em desenhos com detalhes elaborados e precisos. Por fim, é construída uma maquete como forma de demonstrar como será a decoração da balsa. De acordo com o mesmo:

São necessários cinco meses de preparação e um mês de execução para fazer a decoração da balsa. No último mês nós trabalhamos todos os dias no galpão preparando as peças e na semana do Círio preparamos a estrutura e a montagem da balsa, com seus painéis de decoração, iluminação, som, fazemos todos os testes (Leandro Lobato, entrevista realizada em 04 de agosto 2017).

A equipe executora de 2017 contou com cerca de vinte e cinco artistas naturais de Oriximiná, que trabalharam diretamente na balsa do círio fluvial de Santo Antônio. Esses profissionais foram remunerados pela prefeitura para desempenhar funções técnicas como iluminação, construção e som, por exemplo. Uma fala que me chamou a atenção durante a conversa com Leandro foi: “eles são pagos para isso, e embora não façam promessas, eu percebo que eles aplicam subsídio religioso

ao trabalhar no círio: aplicam fé, esforço e seriedade. Então eu vejo que a arte da balsa acaba sendo uma forma de pregação e nós somos um suporte sabe?” (Leandro Lobato, entrevista realizada em 04 de agosto 2017).

Figura 07 – Balsa de Santo Antônio e Andor



Fonte: REIS, 2017

Leonardo Pereira nasceu em Santarém/PA e mudou-se para Oriximiná após assumir um concurso nas Centrais Elétricas do Pará – Celpa. É eletromecânico e trabalha no círio há vinte anos. Segundo ele, tudo começou com convites de amigos do trabalho e, atualmente, é membro da equipe contratada pela prefeitura: “Nesses vinte anos trabalhando na balsa do círio, todos os anos eu choro, todos os anos! Só de falar eu me emociono. E de toda a equipe eu sou o único que não consegue assistir porque eu venho lá atrás, embaixo na balsa, de lá não dá pra ver nada” (Leandro Lobato, entrevista realizada em 04 de agosto 2017).

As falas de Leonardo e Leandro, e de muitos outros envolvidos no festejo como trabalhadores, revela que o trabalho remunerado para o santo também pode se apresentar como atitude de devoção.

A balsa é recepcionada na orla da cidade por uma queima de fogos e uma multidão de devotos. Com a descida do andor de Santo Antônio, inicia-se a procissão que passa pelas ruas 24 de dezembro, Carlos Maia Teixeira, Barão do Rio Branco e finda na praça da igreja matriz, onde é celebrada uma grande missa.

Em entrevista, Wellington um morador de Oriximiná que guarda grande acervo do círio de Santo Antônio, relatou que nos primeiros cí-

rios a imagem do menino Jesus era vestida com uma bata. A roupa era feita como forma de pagar promessas, havia concorrência entre as mulheres para escolher qual iria fazer a roupinha do menino Jesus para o círio (Wellington, entrevista realizada em 04 de agosto 2017).

Imagem 08 – Traje do menino Jesus



Fonte: Reis, 2017

Com o passar do tempo, houve uma sofisticação da roupa que passou a incluir bordados, renda e pedraria, assemelhando-se a um vestido de noiva. Conforme pode ser visto na fala a seguir: “Quase não existem mais fotos com o santo de vestido. Eu conheci uma mulher, lá no museu do círio, que mandou fazer o vestido de noiva dela igualzinho ao do menino Jesus. As vestes do menino Jesus eram lindas bem trabalhadas e bordadas. As mulheres davam como pagamento de promessas” (Joana, entrevista concedida em 4 de agosto de 2017).

Em 2009, o bispo de Óbidos proibiu a confecção de roupinhas para o menino Jesus, que passou a ser vestido apenas com uma fralda. Segundo ele, a roupa escondia a imagem e, em algumas ocasiões, tornava-o muito parecido com uma mulher, o que resultava em chacota por parte de pessoas não católicas, conforme sua fala. Atualmente, o menino é carregado no colo de santo Antônio trajando apenas uma fralda.

A missa é celebrada na praça da matriz, em frente à igreja, em uma estrutura construída especialmente para o evento e conta com a presença de padres de várias paróquias e romeiros de diversas lugares. Ao final

da missa é dada a bênção de santo Antônio e algumas pessoas comem do pão do andor como forma de receber do santo uma dádiva.

“SANTINHO ME AJUDE!”: “BRINCADEIRAS”, “APERREIOS” E REZAS PARA O SANTO

Os santos possuem habilidades ou eficácias particulares, Santa Edwiges, por exemplo, é protetora dos endividados, já para encontrar coisas perdidas, deve-se rezar para São Longuinho, para resolver causas impossíveis, pode-se interceder para Santo Expedito e Santa Rita de Cássia.

A etiqueta do pedido ao santo implica no conhecimento prévio de sua vida e de seus milagres. Segundo Menezes (2004, p. 6), Santo Antônio “apareceu na pesquisa como um especialista em relacionamentos afetivos e na proteção dos pobres, embora seus “devotos” consideram que suas capacidades vão muito além disso, tratando-o de “santo milagroso”.

De acordo com Vainfas (2003), em um artigo em que trata sobre a devoção a Santo Antônio nas Américas, ele foi registrado e batizado como Fernando Antônio de Bulhões (1195 -1231), foi um frade franciscano de origem portuguesa e operou milagres após a sua morte, o que ocasionou a sua beatificação pelo Papa Gregório IX e canonização pela igreja católica. Em 1946, foi proclamado Doutor da Igreja pelo Papa Pio XII.

Santo Antônio, segundo o autor, realizou mais de cinquenta milagres, dentre eles curas e ressurreições, controle de forças naturais, transmutação, dentre outros, mas tornou-se famoso por ajudar moças pobres a pagar o seu dote, o que lhe conferiu fama de casamenteiro. Para Vainfas (2003), tal fama se deve ao fato do santo ter como especialidade “encontrar o que está perdido”, isso inclui pessoas ou coisas, conforme pode ser visto a seguir:

No início da Época Moderna, a face doméstica e afetiva de Santo Antônio se concentraria, no âmbito do catolicismo popular, em sua virtude de “casamenteiro”, de santo promotor de matrimônios. “Casai-me Santo Antônio, Casai-me!”, eis o que aparece em várias orações. Mas tal virtude de frei Antônio, depois santo, mal aparece em sua hagiografia ou nos relatos sobre seus poderes taumatúrgicos. Sobressai, sim – e esta virtude é de longevidade extraordinária –, seu imenso poder de recuperar “coisas perdidas”. Coisas e pessoas. Talvez decorra daí a virtude “casamenteira” atribuída a Santo Antônio, pois entre o perdido e o desejado a fronteira é sempre muito tênue (VAINFAS, 2003, p. 30).

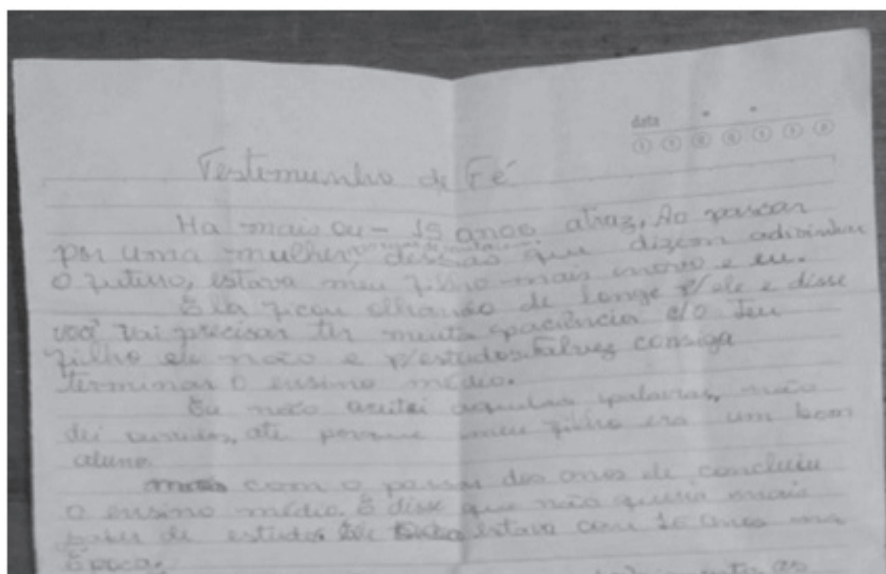
Conforme observado por Menezes (2004), Santo Antônio é acionado através de novenas, trezena, benção, ladainha e responso. Todos os elementos mencionados estão presentes ao longo da programação do círio fluvial de santo Antônio em Oriximiná.

Quando um fiel faz uma promessa ao Santo, ele está se comprometendo perante o santo de que irá cumpri-la o mais rápido possível, assim

que alcançar a dádiva. Mas, se tendo recebido a bênção, a pessoa não cumprir a promessa, ficará em dívida com o santo e não poderá pedir mais nada a ele. Isso se torna evidente na fala de Dayane Feitosa: “Com que cara você vai pedir para o Santo interceder se você nem cumpriu a última promessa? Você fica em dívida com o santo, aí não pode pedir mais nada” (Dayane Feitosa, entrevista realizada 5 de agosto). Ninguém deseja ficar em dívida com um santo milagreiro, por isso a maior parte das pessoas cumpre as suas promessas ou tira o santo do castigo assim que recebe a bênção.

Existem casos de devotos que não podem comparecer ao círio, mas enviam cartas para a paróquia com orações, testemunhos, promessas. Um exemplo dessas cartas pode ser visto a seguir:

Figura 09 – Carta com testemunho



Fonte: Reis, 2017

A carta intitulada “testemunho de fé” foi escrita por uma mãe agradecida a Santo Antônio por intervir na vida do seu filho. Como não teve condições de comparecer ao círio, enviou a carta na qual narrava a história do milagre que o santo operou na vida do seu filho. De forma resumida, a carta conta que:

há 15 anos uma adivinha disse que eu precisaria de muita paciência com o meu filho e que ele não seria bom nos estudos, no máximo terminaria o ensino médio. Com o passar dos anos o meu filho perdeu totalmente o interesse pelos estudos. Eu prometi a Santo Antônio que se ele passasse no vestibular, no ano seguinte eu daria o testemunho. Então estou dando o testemunho disso. Glória a Deus e a intervenção de santo Antônio.

Segundo Menezes (2004, p. 7), a promessa é uma forma de apresentar um pedido ao santo. “Enquanto que o pedido é agradecido, a promessa é paga. Ninguém falou em “pagar um pedido”, um pedido se “agradece”.

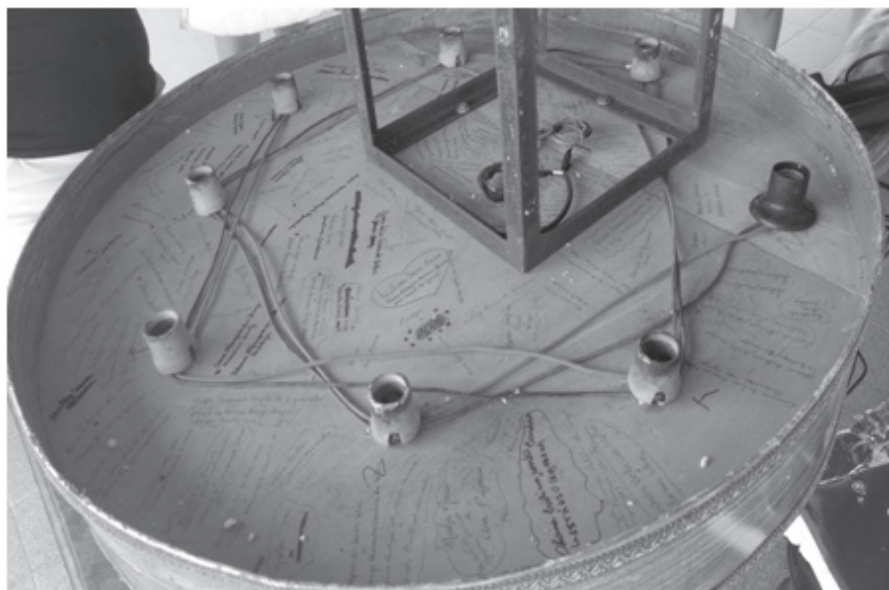
Mas vários disseram estar no local para pagar uma promessa”:

A impressão que tive é que a promessa seria um pedido diferente, ou melhor, que seria um empenho de palavra, um compromisso, um voto, mais que um pedido. Ela envolveria uma maior precisão na definição de uma retribuição ao santo, em troca daquilo que se pretende alcançar. Por outro lado, ao ser “paga”, isto é, saldada, ela deixaria o beneficiário devidamente desobrigado com o santo, até uma próxima promessa. Enquanto que no pedido, a retribuição parece permanecer indefinida, e associada à ideia de gratidão. Ou seja: nem todo pedido feito a um santo é promessa, nem todo o agradecimento a um santo é o pagamento de alguma coisa (MENEZES, 2004, p. 7).

Menezes investigou os pedidos feitos a Santo Antônio. Desta forma, percebeu que existe uma etiqueta no pedir ao santo que envolve, dentre outras coisas, pedir a coisa certa, da forma adequada e ao santo específico.

No que tange a relação entre as mulheres, Santo Antônio e as suas preces será narrado um breve exemplo. Ao desembarcar na cidade de Oriximiná, fui convidada para observar a ornamentação do andor de Santo Antônio. Diversas mulheres estavam reunidas para a ornamentação, algumas trabalhavam como forma de comemorar uma dádiva recebida ou para fazer uma prece ao santo.

Figura 10 – Nomes escritos no andor de Santo Antônio



Fonte: Reis, 2017

Durante a reunião, as mulheres mostraram que embaixo de toda a ornamentação do andor, na arte de madeira do suporte, havia diversos nomes escritos como forma de pedido ao santo, pois o andor é reutilizado todos os anos para o traslado da imagem, assim o pedido ficaria aos pés de Santo Antônio.

As devotas escreviam no andor os seus nomes e ao lado o nome do pretendente com o qual gostariam de casar. Se o relacionamento desse certo, no ano seguinte ela voltaria e escreveria “em ação de graças” ao lado. Se o relacionamento desse errado, a moça retornaria no ano seguinte e riscaria o nome do rapaz. Havia casos de moças que riscaram o nome de diversos pretendentes. Em algumas situações, ao lado do nome das mulheres estava escrito de A – Z. Ao indagar o motivo disso obtive a seguinte explicação:

A Maria escreveu o nome dela e ao lado colocou Alexandre. Eu perguntei quem ele era. Ela disse que ainda ia conhecê-lo. Poucos meses depois ela apareceu namorando um Alexandre. Aí, no ano seguinte ela escreveu no andor do santo “Maria de A-Z”. Se o santo trouxe um Alexandre, podia trazer um outro homem, que ele escolhesse, que fosse da vontade dele. Aí ela deixou nas mãos do santo! Quando ela conseguiu escreveu: “Maria e Casa Própria”, passou um mês e ela ganhou uma casa. Agora a gente imita ela, quando não sabemos o que pedir colocamos de “a-z” (Ariadne, 4 de agosto de 2017).

Gomes (2017), ao estudar a trajetória das imagens dos santos e outros objetos de devoção, relata que é comum a deterioração das imagens por conta de modificações provocadas pelos devotos, visando a sua potencialização, seja por gestos de limpeza, ofertas de presentes, borrifar água benta, passar óleo ungido, dentre outras.

A mesma autora chama a atenção também para os desgastes causados intencionalmente pelo devoto ao santo, são como “castigos” por não atenderem pedidos ou por constrangimentos infligidos sobre seus corpos para que as demandas sejam atendidas” (GOMES, 2017, p. 117).

Igualmente, Herstal ao estudar as imagens religiosas do Brasil e a relação entre os devotos e os santos (1956, p. 93) narra a mesma forma de relação entre o devoto e a imagem “quantas vezes, por não serem concedidas as graças solicitadas, os santos eram mutilados: arrancavam-lhe as mãos, quebravam-lhes os dedos, tiravam-lhes os atributos”. Pereira (2003) caracteriza este comportamento para com o santo como uma prece ameaçadora, uma vez que são impostos castigos e ameaças ao santo para pressioná-lo a atender um pedido, conforme pode ser visto no exemplo a seguir:

A prece ameaçadora nos remete ao que partilhou a devota de Santo Antônio, que encontramos em 1992, numa procissão em Osasco, durante as festividades do padroeiro da cidade. Ela disse que uma amiga lhe ensinou a fazer o pedido ao Santo ameaçando-lhe deixar de cabeça para baixo dentro de uma vasilha com água. Caso o pedido não fosse atendido no prazo determinado, o castigo seria executado. Disse que fez e deu certo (PEREIRA, 2003, p. 45).

Na ânsia de alcançar a benção desejada, usa-se diversos métodos de constrangimento do santo como, por exemplo, esconder o menino Jesus do colo do santo; virá-lo para a parede ou pendurá-lo de cabeça para

baixo; guardar o santo no congelador ou esconder o santo em um local escuro, esses “aperreios” como chamam as interlocutoras, duram até o santo realizar o pedido. Cascudo descreve outras formas de “aperrear” ou “malinar” em santo Antônio:

As moças submetem as imagens de Santo Antônio a todos os suplícios possíveis, na esperança de um rápido deferimento. Algumas chegam até mesmo a tirar o Menino Jesus dos Braços de Santo Antônio para restituí-lo somente depois de realizado o milagre; viram o santo de cabeça para baixo, tiram-lhe o resplendor e colocam sobre a tonsura uma moeda pregada com cera; e, por fim, quando tarda o milagre, e cansadas de tanto esperar, atam o santo com uma corda, e deitam-no dentro de um poço, o que deu lugar, de uma vez, a desaparecer a imagem, porque era de barro e derreteu-se completamente ao contato d'água! (CASCUDO, 1988, p. 90 apud GOMES, 2017, p. 120)

Ao realizar a pesquisa com devotos de Santo Antônio, foi observado que muitas interlocutoras recorriam a tais práticas como forma de pressionar o santo a atender a sua demanda. Em geral as entrevistadas faziam pedidos sobre relacionamento e o desejo de constituir uma família. Esse é o caso da fala a seguir: “Eu pedia para Santo Antônio me ajudar nos relacionamentos. Eu já malinei muito no santo, já o coloquei de cabeça para baixo, já coloquei no congelador, já fiz promessa. Se o santo me responder eu vou lá na igreja cumprir a promessa (Joelma S, 25 anos).

Dentre as entrevistadas, uma relatou que estava namorando há nove anos e, cansada de rezar para o santo, resolveu lhe impor um castigo, o virou de frente para a parede e prometeu que só o desvirar depois de alcançar a benção. Pouco tempo depois, ela ficou noiva e cumpriu a promessa.

Além das rezas e promessas, existem simpatias específicas para Santo Antônio, a fim de encontrar a pessoa. Durante o trabalho de campo, as interlocutoras falavam que, juntamente com a prece, deve-se acender uma vela nas segundas-feiras para que Santo Antônio ilumine o caminho do amor; ou escrever em um papel o nome da pessoa amada e colocar dentro do santinho (nesse caso, a pessoa cujo nome foi escrito jamais poderá saber da simpatia, senão o amor pode acabar). Outro exemplo de simpatia para Santo Antônio pode ser visto no relato abaixo:

Eu ganhei um santo Antônio de uma grande amiga. Ela me disse que para eu conseguir um namorado rápido era preciso fazer uma simpatia. Tinha que escrever o meu nome três vezes em uma fita vermelha, e depois amarrar ao redor do santo. Aí tinha que rezar todo o dia durante sete dias, depois disso o santo me daria um marido (Joice, entrevista concedida dia 5 de agosto de 2017).

São muitas as orações para Santo Antônio, seja para encontrar um namorado, para ficar noiva, para casar, ou até mesmo para recuperar o marido. Essas orações podem ser encontradas em folhetos, cadernos

de rezas e na internet. A seguir, um exemplo de prece para quem deseja encontrar o amor:

Grande amigo Santo Antônio, tu que és o protetor dos namorados, olha para mim, para a minha vida, para os meus anseios. Defende-me dos perigos, afasta de mim os fracassos, as decepções, os desencantos. Faze que eu seja realista, confiante, digno (a) e alegre. Que eu encontre uma pessoa que me agrade, seja trabalhadora, virtuosa e responsável. Que eu saiba caminhar para o futuro e para a vida a dois com a disposição de quem recebeu de Deus a vocação sagrada de formar uma família. Que meu namoro seja feliz e meu amor sem medidas. Que todos os namorados busquem a tua compreensão, a comunhão de vida e o crescimento na fé. Assim seja (Domínio público).

De acordo com Santos (2015), ao investigar continuidades e rupturas da festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha/Ceará para a sua dissertação, observou-se que o que para alguns, beiram a falta de respeito com a imagem, para outros não passa de uma forma lúdica de intermediar sua relação com o santo, lúdica, mas que não exclui a seriedade e a fé com que devotam seus pedidos. A mesma autora segue afirmando que:

fórmulas deste tipo, são levadas a sério por mulheres que desejam arranjar namoro ou casamento, embora o bom-humor não seja descartado do ritual. Vale destacar que não adianta realizar todos os atos e gestos na ausência da convicção na simpatia e no santo (SANTOS, 2015, p. 60).

O ato de “aperrear” o santo vem sempre acompanhado de uma reza, seja ela pronta ou espontânea e, às vezes, acompanhado também de expressões carinhosas como “meu santinho”. As interlocutoras afirmaram que os castigos infligidos ao santo são uma espécie de brincadeira, pois visam “aperrear o santo até ele responder”. Tais atos revelam intimidade entre a mulher e o santo de devoção, conforme visto a seguir: “Sempre que rezo parece que eu estou falando com um amigo. Até falo Santinho me ajuda! Acho que não estou desrespeitando, mas com Deus e Maria eu sou mais formal” (Aline P., entrevista realizada 7 de agosto de 2017).

Durante a pesquisa indaguei se os castigos, “brincadeiras” e “aperreios” impostos ao santo poderiam ofender ou entristecer Santo Antônio. Em geral, as interlocutoras respondiam que o casamento é uma união divina, por isso o santo não fica com raiva, pois o seu desejo é que as pessoas constituam famílias, isso pode ser observado na fala a seguir: “Se for para arrumar marido não é pecado castigar o santo. Constituir uma família é uma coisa de Deus, uma coisa boa. O Santo fica feliz quando as pessoas querem ter uma família sabe? Com tudo certinho... por isso ele não castiga, por isso ele sempre atende a oração” (Juliane Almeida, entrevista realizada dia 5 de agosto de 2017).

Os santos representam uma categoria de sujeitos de ação em amplos aspectos, que vão desde resoluções de causas impossíveis até pequenos milagres, como encontrar objetos perdidos. Isso não significa dizer que as ações são encadeadas de modo imediato e eficiente, onde a relação

entre os santos e devotos opera uma categoria do plano simbólico e ideal. A relação entre santos e devotos deve ser injetada e reanimada através da vida cotidiana de seus devotos.

Difícilmente as mulheres assumem fazer simpatias para Santo Antônio. Só faz simpatia para Santo Antônio quem deseja se casar e tem medo de ficar solteira para sempre. Ao mesmo tempo, nenhuma mulher quer atrair para si a fama de “desesperada”. Então, faz-se a simpatia em segredo, no máximo conta-se para as mulheres da família que são próximas. Se o santo responder, a devota pode comentar depois que fez a simpatia e que deu certo, o que soa como um testemunho que comprova o poder do santo.

Segundo as interlocutoras, caso a prece não seja atendida e a mulher fique sozinha por muito tempo, ou envelheça sozinha, ela jamais contará sobre a simpatia que fez ou sobre os castigos aos quais submeteu o santo. Isso é uma forma de se resguardar, para evitar uma imagem negativa perante a sociedade.

Os santos de devoção conhecem profundamente os seus fiéis e atuam como seus protetores, por isso não necessitam conceder dádivas somente após os pedidos ou promessas, como afirma Menezes (2004, p. 6), “um santo de devoção, é capaz de antecipar suas necessidades, até mesmo antes que o próprio devoto tome consciência delas”.

O contrário também pode ocorrer. Um pedido pode ser negado mesmo após a realização de preces e promessas, nesses casos, Menezes (2004, p.6) destaca que a “não-concessão do pedido pelo santo protetor encaixa-se na lógica da sabedoria maior do santo”. Dessa forma, se o pedido não for concedido é porque o santo já sabia que não daria certo e estava livrando o devoto de sofrimentos futuros.

Em alguns casos, ao não receber o que foi pedido, pode-se atribuir ao seu orgulho, maldade, ambição, erro no pedir, vaidade e outros pecados como forma de compreender o motivo pelo qual a dádiva não foi concedida. Nesses casos, Menezes (2004, p. 15) revela que “É preciso ‘saber pedir’ dentro de certos padrões, aprendizagem na qual o próprio santo pode desempenhar um papel disciplinador”.

Com o final da missa, a grande parte dos devotos vai para bailes da cidade. O baile mais tradicional é o Clipper de Santo Antônio, localizado ao lado da igreja. No clipper existe um momento de devoção em que cantam músicas, realizam rezas para Santo Antônio, fazem leilão. Por conta disso, o clipper é descrito por muitos como um baile familiar onde é possível uma comunhão após o término da missa. Isso pode ser visto na fala a seguir: “No clipper quando as pessoas saem do culto elas podem confraternizar e conhecer as pessoas que estão vindo da zona rural e de outras comunidades. Lá naquele ambiente, que embora seja uma festa é um ambiente muito familiar” (ARLISON LIMA, 2017).

Após saírem dos bailes, os jovens da cidade encontram-se na frente da igreja matriz de Santo Antônio e partem em carreatas por todos os

bairros da cidade. É comum algumas casas ornamentadas com bandeiras, banner, imagens, iluminação, faixas de ação de graças e porta-retratos com conquistas, dentre outros. Estas são manifestações de agradecimento ao santo por dádivas alcançadas. Durante todo o percurso da alvorada, os fiéis soltam fogos e emitem sons de buzinas. Segundo Arlison Lima, pároco da igreja:

A Alvorada na proporção acontece cerca de cinco ou oito anos, começou com um grupo de jovens. Eles amanheceram aqui na praça e saíram pela cidade fazendo barulho para acordar todo mundo, com isso eles foram ganhando apoio de muitas outras pessoas. Hoje eu considero Alvorada parte do Círio de Santo Antônio, é uma manifestação dos jovens. Eu considero os jovens da alvorada grandes anunciadores do Círio porque eles passam por todos os bairros da cidade anunciando a alegria que é a festa de Santo Antônio (Arlison Lima, entrevista realizada dia 4 de agosto de 2017).

Embora algumas pessoas não considerem a alvorada um evento oficial do círio, devido a sua recente criação e por ser movido pelos jovens, o padre local afirma que “os jovens são nossos arautos, porque eles convidam a toda cidade para participar da fertilidade. Eles não só acordam as pessoas mas eles também as despertam para esse tempo de graça que é a festa de Santo Antônio” (ARLISON LIMA, 2017). É comum famílias entrarem em contato com a equipe responsável pela alvorada e pedirem para que a procissão passe em frente às suas casas para que possam prestar homenagens ao santo.

NOTAS CONCLUSIVAS

Dessa forma, pode-se concluir que o culto aos santos pode ser considerado como um fato social total de Marcel Mauss (2003), que o caracteriza como fenômenos que se exprimem, de uma só vez, nas mais diversas instituições sociais, sejam estas religiosas, morais, familiares ou políticas. Ou seja, permeia todas as esferas da vida social daquele grupo de indivíduos.

Por se constituir como fato social total, o estudo da devoção aos santos se mostra relevante para as pesquisas em ciências humanas, em especial nas sociedades ribeirinhas da Amazônia, onde “a religiosidade católica e o culto aos santos não conflitam com as encantarias amazônicas, como as crenças mágicas nas peripécias do boto tucuxi, que seduz e engravida jovens mulheres à beira do rio quando assume as características de um jovem caboclo” (BRAGA, 2004, p. 6).

Segundo Galvão (1955, p. 7), ao contrário do forte sincretismo que houve entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras, os povos ameríndios incorporaram a nova religião juntamente com as suas antigas práticas. Dessa forma, o autor exemplifica que é comum que um pajé

seja um bom católico, mas, apesar disso, ele não utilizará os seus conhecimentos de pajelança no ambiente da igreja. “A pajelança e o culto aos santos são destinados a ambientes distintos”.

Isso ocorre porque, na mentalidade ameríndia, as crenças religiosas católicas podem ser complementares às suas. Nesse contexto, para o ribeirinho que vive na Amazônia, as visagens e as forças sobrenaturais da sua cosmologia habitam o mesmo lugar que os santos (Galvão, 1955).

No que tange as manifestações de devoção que ocorrem na cidade de Oriximiná/Pa, percebe-se que o círio fluvial de Santo Antônio cria uma ampla rede de relações sociais que perpassam questões puramente religiosas e dialogam com técnicas, economia, performance, memória coletiva dentre outros fatores que comunicam uma identidade local e possibilitam a organização da cidade e das comunidades ao entorno para a festividade.

Para a contemporaneidade, ao falarmos de castigar o santo, estamos diante de um preceito construído no imaginário criativo de suas devotas, mas que segundo a teoria Maussiana seria parte de uma construção social coletiva que injetam personalidade, que propõem uma imersão como um todo na vida humana inter-relacionada ao mundo exterior.

Este o mundo em que os Santos além de serem mediadores de boas ações, também podem ser associados à imagem de *devir* próprio, os torna além da figura de advogado benevolente que atende, aquele que também pode não aceitar um acordo.

No caso das devotas de Santo Antônio que aqui tomamos como um ponto particular analisado, percebemos que para almejar um matrimônio a devoção deve ser expressa na forma de reza, promessa, simpatia, prece ameaçadora e até castigo ao santo, o que demonstra uma pluralidade em diálogo, que é partilhada entre as mulheres devotas, mas que preferem ser mantidas em anonimato para o sucesso de obtenção da dádiva.

NOTAS

1. O Município de Oriximiná está localizado no Oeste do Estado do Pará, região Norte do Brasil, à margem esquerda do rio Trombetas, afluente do rio Amazonas. O território abrange a área de 107. 445,91 km² e possui 62.794 habitantes, segundo o censo demográfico do IBGE de 2010.

2. Essa é uma nota de agradecimento a família Giordano, que nos deu hospedagem durante todo o trabalho de campo e auxiliou nas negociações com os interlocutores em Oriximiná para entrada em campo.

3. De fato, os textos são considerados pioneiros em análise interpretativa através do olhar da observação participante, mas não foram passíveis de críticas, principalmente quando o assunto é antropólogo-interlocutores localizados nesses eventos tempo-espaço descritos pelos autores.

4. Disponível em: <http://www.espocabode.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1148:oriximina-da-memoria&catid=36:noticias&Itemid=61>. Acesso em: 29 de jun. de 2020.

5. A esse respeito, não poderia deixar de citar Jackson Vieira, um jovem local que foi um grande colaborador ao permitir que acessássemos o seu acervo pessoal, que contém uma vasta quantidade de registros sobre a história de Oriximiná e o círio fluvial.
6. Nos demais dias do círio, ocorreram a trezena de Santo Antônio, missas com temas voltados para família e comunidade, além de algumas missas específicas, como a missa dos idosos, a missa das crianças, a missa dos doentes e a missa dos estudantes.
7. No Brasil, a palavra *cuiá* é um termo de origem tupi, que comumente designa o fruto redondo da *cuiêira*, em que os índios confeccionavam inúmeros artefatos utilitários e decorativos (CAMARGO FONNA, 2015).
8. Marupá é uma madeira cujo nome científico é *Simarouba amara* Aubl.- Simaroubaceae. Na ausência dessa variedade de madeira, muitos devotos usam a base do coco para servir de sustentação para as velas.
9. *Montrichardia linifera*, conhecida popularmente como aninga, pertence à família Araceae e forma grandes populações às margens dos rios e igarapés da Amazônia, principalmente de águas brancas (barrentas) (AMARANTE et al., 2011).

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, C.B. et al. Caracterização física, química e nutricional dos frutos da Aninga. *Planta daninha* [on-line], v. 29, n. 2, p. 295-303, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbta/article/download/2406/3130>>. Acesso em: 26 ago. 2019.
- BRAGA, Sergio Ivan Gil. *Festas religiosas e populares na Amazônia*. Trabalho apresentado no VIII congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 16-18 de 2004.
- CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO: Disponível em: <<http://conventosantoantonio.org.br/historico>>. Acesso em: 26 ago. 2019.
- CAMARGO FONNA, Angelsea Augusta Lobato. *Pintando cuias, pintando vidas: tradição e arte pelas mãos da família Camargo Fonna*. 2015. 308 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 278-321.
- GLUCKMANN, Max. Análise de uma situação social na moderna Zululândia. *Estudos Bantu*, v. 14, n. 1, p. 1-30, 1940.
- GOMES, Lilian Alves. *A peregrinação das coisas: trajetórias de imagens de santos, ex-votos e outros objetos de devoção*. 2017. 301f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional / UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

HERSTAL, S. *Imagens religiosas do Brasil*. São Paulo: Edição do autor em colaboração com a Sociedade Brasileira de Expansão Comercial LTDA, 1956.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico de 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia 2*. São Paulo: Edusp, 1974.

MENEZES, Renata de Castro. *Saber pedir: a etiqueta do pedido aos santos. Religião e Sociedade*, ano 24, n. 1, p. 46-64, 2004.

MENEZES, Renata de Castro. A imagem sagrada na era da reprodutibilidade técnica: sobre santinhos. *Horizontes Antropológicos*, v. 17, n. 36, p. 43-65, 2011.

PEREIRA, João Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. *Rever: revista de Estudos da Religião*, n. 3, p. 67-98, 2003.

PEREIRA, J.C. *Devoções Marginais: interfaces do imaginário religioso*. Porto Alegre: Zouk, 2005.

SANTOS, Ruth Rodrigues. *A festa que é a mesma, sendo continuamente outra: A resignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha Ceará através das mudanças e continuidades*. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho. *Promessas e milagres na dança de São Gonçalo: Etnografia de uma devoção*. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí–UFPI, 2018.

SIEPIERSKI, C. A pentecostalização do campo protestante brasileiro. *Estudos Teológicos*, v. 37, p. 47-61, 1997.

SILVA, S. A. *VIRGEM/MÃE/TERRA: festas e tradições bolivianas na metrópole*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2003.

SILVA, Vagner G. *Candomblé e Umbanda. Caminhos da Devoção Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio na América portuguesa: religiosidade e política. *Revista USP*, n. 57, p. 28-37, 2003.